

XI Congresso Brasileiro de Sociologia. Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Campinas-SP, 2003.

Práticas culturais e os estudantes de Ouro Preto.

Machado, Otávio Luiz.

Cita:

Machado, Otávio Luiz. (2003). *Práticas culturais e os estudantes de Ouro Preto*. XI Congresso Brasileiro de Sociologia. Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Campinas-SP.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/16>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/uoy>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

XI Congresso Brasileiro de Sociologia

01 a 05 de setembro de 2003, Unicamp, Campinas-SP

Grupo de Trabalho (GT) Práticas Culturais e Imaginário

Práticas Culturais e os Estudantes de Ouro Preto **(2)**

Otávio Luiz Machado **(1)**, Pesquisador-Associado do Laboratório de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Ouro Preto

E-mail: otavioluizmachado@hotmail.com

Introdução

Ouro Preto é a cidade brasileira com o maior conjunto de “repúblicas” estudantis universitárias, com práticas culturais centenárias e uma importante inserção na cidade **(3)**. Desta forma, suas práticas culturais são influenciadas pelo ambiente cultural da cidade, e da mesma forma, influencia a vida social e cultural de Ouro Preto. Um primeiro aspecto a ser considerado é o esforço na conservação das casas de “repúblicas” para se enquadrar aos padrões gerais do patrimônio histórico e artístico da cidade, que é reforçado pelo significado simbólico de Ouro Preto. Por outro ponto, as “repúblicas” criaram uma imagem em Ouro Preto quanto à boêmia e as grandes festas.

Desta forma, a discussão sobre a questão simbólica nestes micro-espacos universitários permitirá desvendar uma série de símbolos, ritos e cerimoniais que compõem este quadro das “repúblicas”, que estão inseridas em Ouro Preto – a cidade brasileira com o maior conjunto urbano tombado por deter um importante patrimônio histórico, artístico e cultural – e na Universidade Federal de Ouro Preto, a instituição brasileira com o maior patrimônio de imóveis localizados no conjunto urbano destinados às “repúblicas” de estudantes.

O que diferencia estas “repúblicas” de Ouro Preto das existentes nas diferentes regiões do Brasil, como também em outros lugares do mundo, tanto nas cidades portuguesas de Coimbra e Lisboa, quanto em outras cidades da Europa e dos Estados Unidos – que embora estejam de alguma forma assemelhadas não possuem uma organicidade e um conjunto de tradições articuladas no conjunto universitário – são: a) o caráter permanente, o que significa que não há a sua dissolução quando os estudantes se formam; b) as “repúblicas” já possuem muitas tradições levando-se em conta que muitas delas já existem há mais de cinquenta anos; c) o contato entre os seus alunos e ex-alunos – muitos já estão em posições importantes dentro da sua profissão – o ano inteiro, que intensifica-se sobretudo nas comemorações do aniversário da Escola de Minas de Ouro Preto, que é a maior faculdade da Universidade Federal de Ouro Preto, na chamada Festa do 12 de outubro.

No presente texto estaremos nos referindo às 66 “repúblicas” que estão instaladas em prédios públicos da UFOP na cidade de Ouro Preto, pois o universo de “repúblicas” que estão em casas particulares extrapolam várias vezes este número.

“Repúblicas” e conservação de Ouro Preto: um breve histórico

A história da cidade se confunde com suas escolas tradicionais e suas “repúblicas”. Porém, as “repúblicas” adquiriram uma maior importância a partir da transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte nos fins do século XIX, quando diversos imóveis foram emprestados ou cedidos aos estudantes por muitas famílias que foram para a nova capital e não quiseram se desfazer dos seus imóveis ou deixá-los sem uso, o que acarretaria maiores problemas na sua conservação.

Neste momento, cria-se a imagem de Ouro Preto como local ideal para se estudar, pois era um “ambiente acariciador. Famílias afectuosas, acolhendo estudantes. Vida barata, tão barata, depois da mudança da Capital, que uma casa se alugava por 20\$000” (RACIOPPI, 1940, p. 13).

No final de 1950 e durante toda a década de 60, há uma preocupação em torno de novas “repúblicas”, pois a falta de novas moradias tornava-se um problema tanto na contratação de professores – que também buscavam residências temporárias – como na atração de estudantes para a cidade. Os custos de moradia, conforme o pensamento do ilustre professor Amaral Lisboa naquele momento, “anula qualquer propaganda que se faça da Escola de Minas visando o aumento do seu número de alunos” (Ata da 787ª Sessão da Congregação da Escola de Minas de Ouro Preto, 13-02-1962). A expansão de casas para os estudantes significava a sobrevivência da sua maior Escola, a Escola de Minas de Ouro Preto. Assim, a partir dos anos 60 começou uma compra sistemática de casas para “repúblicas”, além da construção de casas nos anos 80 e a desocupação de alguns prédios públicos para a instalação de “repúblicas” nos anos 90, permitindo a Ouro Preto a construção de um sistema de “repúblicas” estudantis singular no conjunto universitário brasileiro.

O Espaço Social e as “Repúblicas”

Diferentemente da “habitación de estudiante”, que Bourdieu e Passeron identificaram na França em seus estudos (BOURDIEU & PASSERON, 1969), as “repúblicas” de Ouro Preto não são lugares impostos pelas condições econômicas e sociais dos estudantes.

Ou seja, não existem nas políticas universitárias de Ouro Preto critérios sócio-econômicos para destinar as vagas para estudantes nas “repúblicas”, pois quem administra as vagas das “repúblicas” são os próprios moradores, que possuem autonomia perante a Universidade. Os critérios para se morar nas “repúblicas” são outros, embora em várias universidades públicas que tivemos informações, os critérios para se morar em imóveis públicos são sócio-econômicos, dentro de uma política de assistência estudantil voltada para estudantes de baixa renda ou com sérias dificuldades financeiras.

Nas “repúblicas” públicas de Ouro Preto vivem estudantes de diversas cidades brasileiras, portadores de capitais econômicos, culturais e sociais diferenciados. Como seria possível isto? Para Bourdieu, “falar de um espaço social, é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo económicas e culturais” (BOURDIEU, 2001a, p. 138). Desta forma, a aceitação destas diferenças neste mesmo espaço social é possível através de uma série de rituais e cerimoniais acadêmicos que buscam incessantemente a troca de capitais e a inculcação de um *habitus* republicano. Para isto, o novo calouro passa pela “batalha de vaga”, ou seja, o calouro passa a conviver com os veteranos num processo de adaptação próprio da “república”, com uma série “testes” para que possa ser efetivado como morador definitivo da “república” após esta fase “batalha de vaga”. É na “batalha”, ou seja, o semestre letivo em que o calouro conviverá com os demais moradores que já foram “escolhidos”, ou seja, que já são moradores definitivos da casa, irá precisar enfrentar uma série de brincadeiras e tarefas domésticas propostas pelos moradores, como o corte de cabelo, o carregamento de uma placa de papel durante semanas pelas ruas da cidade, o desfile no “Miss Bixo” – quando desfila caracterizado com uma fantasia do sexo oposto ao seu –, além de outras brincadeiras e trotes que são próprios de cada “república”. Quanto às tarefas dos calouros – que geralmente batalham vaga com mais de um calouro por “república” –, vão desde a busca das compras no supermercado e a limpeza da casa quando a cumadre (senhora que possui uma função de empregada que cuida das casas) não aparece à realização de trabalhos para a “república” como o pagamento de contas nos bancos, além de sempre ser solicitado para favores pessoais dos moradores etc.

Por isso, ao calouro cabe adquirir uma relação com a casa no sentido de realizar tarefas, de suportar as brincadeiras e os trotes dos demais membros da casa para que possa sobreviver no início de sua vida escolar, caso queira realmente morar na casa, pois ao final do semestre letivo os moradores já escolhidos realizam uma reunião em que escolhem ou não escolhem aqueles calouros como moradores definitivos. Assim, os escolhidos estão autorizados a fazer parte dos quadros da casa até a sua formatura.

Levando-se em consideração que as “repúblicas” públicas são prédios da universidade que foram repassados aos estudantes para a sua manutenção e organização, os novos moradores passam pelo crivo dos próprios estudantes, que diferentemente de outras moradias, como já dissemos, recorrem primeiramente às Universidades e aos seus departamentos de assistência estudantil antes de ocupar as vagas de moradia.

Como as casas são conservadas pelos próprios estudantes, é regra no momento da escolha do novo morador que o mesmo tenha um forte interesse pelas atividades da casa, um contato com os ex-alunos – que são importantes no apoio das atividades que os estudantes promovem para manter a casa – e a identificação com “espírito da casa”, pois são essenciais para a sobrevivência da casa. Não possuir um capital cultural satisfatório é condição para não ser escolhido morador enquanto calouro, ou não conseguir ficar na casa enquanto morador depois de sua escolha definitiva.

As “repúblicas”, se são importantes para os estudantes que chegam sem moradia, o estudante é ainda mais importante para a “república”, pois a sobrevivência da casa depende das competências que adquiriu para cumprir estas tarefas.

A vida em família desfrutada pelos estudantes é também uma vida repleta de rituais para reforçar esta condição. Há um nome e uma placa em cada “república” identificando o seu nome e a sua logomarca, além de hinos e reuniões para efetivar esta união e reforçar o grau de atuação de cada morador nas atividades da casa. Os almoços coletivos no restaurante universitário e a presença em festas ou outras solenidades significa que o grupo está unido não apenas em função do espaço físico da casa, mas do “espírito de corpo”. Bourdieu pensa que todos os corpos dotados de um espírito corporativo – e exemplificando com as *fraternities* e as *sororities* das universidades norte-americanas – tais como a família está submetida a dois sistemas de forças: 1) forças da economia: introduzem tensões, contradições e conflitos; 2) forças da coesão: “que estão vinculadas ao fato de a reprodução do capital, sob suas diferentes formas, depender, em grande parte, da reprodução da unidade familiar” (BOURDIEU, 2001b, p. 176-177).

Quanto ao *habitus*, Bourdieu o pensa como um conhecimento adquirido, um esquema avaliativo. Como na “república” ocorre o encontro de diversas experiências, de diversos *habitus*, há porém um *habitus* corporificado invisivelmente, não nas paredes das centenárias casas, mas no repasse, como se fosse através de um cordão que vai sendo esticado do primeiro morador ao morador mais recente. Assim, o que faz com que o morador atual tenha os mesmos comportamentos de alguém que morou há mais de quarenta anos?

Portar-se como republicano, isto é reafirmar os valores da “república” é o torna um estudante dotado de capital social e cultural satisfatórios. O princípio da “república” para a escolha dos seus novos moradores é de que todos podem contribuir de alguma maneira, mas isto depende da disposição de cada um. Há o estímulo aos novos moradores para que compreendam a “república”, que realizem trocas simbólicas e que possam ao longo da sua entrada e até a sua formatura adquirir competências para que possa como ex-aluno apoiar a “república”. Assim, não existe uma autoridade limitando a ação do estudante. Existe a figura do “presidente”, que possui a função de administrar as contas da república, mas não de administrar a vida dos seus membros. Por isso, conforme os membros da Utopia de Morus, onde “os homens são mais fortemente unidos por sua boa vontade que por todos os tratados, e pelos sentimentos, mais que por protocolos” (*idem*, p.57), nas “repúblicas” a disposição dos moradores e uma série de significações do lugar é que criam um “espírito republicano”.

No caso dos ex-alunos, que embora não estejam morando no mesmo lugar que os estudantes, pois já não mais pertencem fisicamente à casa, é como se pertencessem, pois seus ideais e suas posturas estão sendo reproduzidas pelos estudantes através do respeito pela “obra” que herdaram. Por isso, “para que as trocas entre gerações continuem apesar de tudo, é necessária também a intervenção da lógica da dívida como reconhecimento e a constituição de um sentimento de obrigação ou de gratidão (BOURDIEU, 2001b, p. 179).

No espaço social se organizam “as práticas e as representações dos agentes” (*idem*, p. 24), e é nele que os agentes vão moldando seus gostos e a sua condição no grupo, ou seja, a cada dia há um ajustamento às regras do grupo, com a aquisição de um capital cultural que realmente tenha valor neste espaço social.

O “espírito de corpo” possibilita a todos os moradores destas casas desfrutar de um mesmo nível ou condição para as suas trocas. A ligação sentimental dos membros permite a sua união, de acordo com a disposição de realizar todas as trocas possíveis no sentido de gerar a integração e a solidariedade do seu grupo (BOURDIEU, 1989, P. 258). Assim, de acordo com um ex-aluno de Ouro Preto, nas “repúblicas” “ali ninguém é superior a ninguém” (SILVA, 2000) e “você tem que procurar defender seus pontos de vista com respeito, para viver em harmonia com pessoas que têm formações, histórias e visões muito diferentes umas das outras” (*idem*).

Se cada membro se coloca a serviço do outro é porque “cada um escolhe seu irmão” (PINTO, 2000) e “não há o grupo familiar imposto e muitas vezes detestável. E se o escolhido não é o ideal você o substitui” (*idem*).

Da mesma forma, na tradução do texto de Bourdieu, Crivellari (1998) extrai das considerações de Bourdieu o ponto fundamental do conceito: “Este espírito de corpo é a condição de constituição do capital social, esse recurso de posse coletiva que permite a cada um dos membros de um grupo *integrado* de participar do capital individualmente possuído por todos os outros” (BOURDIEU citado por Crivellari, 1998).

Talvez seja esta o resultado principal da experiência que as “repúblicas” acumularam durante décadas: “a comunidade assim formada (em ‘repúblicas’) convive durante anos e anos. E o mais rico nunca leva vantagem. Mas a dignidade de cada um é o que conta para nivelar a vida em comum” (PINTO, 2000).

Este compartilhamento de capital social, também explica que estudantes oriundos de famílias com pouco capital econômico superassem suas dificuldades, pois conforme Eli Oliveira, “Ouro Preto tem isso: a gente via naquela época que as pessoas com poucos recursos conseguiam estudar e formar graças à solidariedade dos outros colegas” (OLIVEIRA, 2000).

Por fim, o sucesso profissional e pessoal é atribuído também à condição que vários estudantes que viveram nas “repúblicas”, conforme o depoimento de Celso Magalhães e tantos outros: “Quem eu sou? Eu sou um monte de pessoas que passaram por mim. E as pessoas que deram certo, elas deram certo porque outras pessoas deram certo” (MAGALHÃES, 2000).

A imagem produzida pelas “repúblicas” e da cidade

Os calouros circulando pelas ruas de Ouro Preto com seus cabelos com cortes extravagantes e com longas placas de papelão são questionados pela possível submissão a que são colocados no período de “batalha de vaga”. Um possível conformismo e submissão às regras do grupo torna-se um ato de resistência no momento em que o calouro busca um objetivo final: morar nas “repúblicas” com tranquilidade. Assim, deixar os veteranos cortar o cabelo e desarrumar seus quartos nos chamados “ventos”, isto representa a reafirmação de uma vontade de morar e de conviver numa “república”, que é fruto da identificação com os valores reproduzidos na “república”.

Por outro lado, algumas das melhores casas do centro histórico de Ouro Preto são “repúblicas” da Universidade, que foram compradas a partir dos anos 60 num momento em que diversos destes edifícios estavam em avançado grau de desintegração devido a falta de conservação ou do desinteresse dos seus proprietários pelos imóveis. Os estudantes passaram a viver nas casas dentro de um outro contexto histórico específico.

Por isso, a presença dos estudantes no centro histórico foi uma preocupação para não isolá-los do restante da cidade: *“houve esta idéia: a idéia de manter as “repúblicas” para que se integrassem e continuassem a se integrar na sociedade”* (MENEZES, 2003).

Nos últimos anos, a imprensa local questiona a existência de “repúblicas” no centro histórico e exploram a imagem de alguns excessos de barulho ou de farras dos estudantes para proporem a retirada dos estudantes para o campus universitário, afastado do centro.

Há ainda, na memória histórica da cidade, o papel das “repúblicas” na realização do movimento clandestino de esquerda contra a ditadura militar. As rivalidades políticas de algumas “repúblicas” naquele período eram fortes, pois “a politização gerava uma dificuldade de convivência de contrários” (MAIA, 2003).

Conclusões

As “repúblicas” são mais conhecidas e reconhecidas em relação à cidade de Ouro Preto do que a própria Universidade. A inserção neste grupo ocorre com a inculcação de valores como solidariedade, responsabilidade e autonomia. É significativo o número de estudantes que aprenderam minimamente noções de informática ou que tiveram lições de inglês, francês, espanhol ou outras línguas dadas pelos colegas. Além do mais, os estudos de vestibular – para os estudantes que buscam as “repúblicas” um semestre antes do vestibular para morar –, de concursos públicos, de preparação para a pós-graduação e as inúmeras avaliações que ocorrem durante o curso de graduação se tornaram mais facilitadas com a colaboração dos membros da “república”, que se estão sob o mesmo teto possuem uma obrigação, embora não formalizada, com seus colegas. Como já salientamos, o capital econômico não é o que influencia as vidas nas “repúblicas”, tanto na entrada e na escolha dos novos moradores como na sua permanência, e sim o capital cultural e social acumulado e trocado ao longo de sua vida universitária. O presente texto é apenas uma contribuição ao estudo destes espaços universitários no Brasil, pois há espaços que nem sempre são reconhecidos pelos seus aspectos educativos e inclusivos. Assim, um outro ponto de encontro importante nas Universidades – não apenas em Ouro Preto – são os Restaurantes Universitários (Rus), que permitem uma convivência importante entre todos os membros da universidade, sejam eles estudantes ou funcionários, sejam eles professores. Por outro lado, além de não se apoiar apenas no aspecto alimentar – que é importante principalmente aos alunos oriundos de camadas das sociedades com baixo poder aquisitivo –, o restaurante cria um

ambiente que permite a busca da aproximação e da igualdade nas relações entre as pessoas oriundas de classes, culturas e formações diferenciadas.

Notas

(1) O Projeto Reconstrução Histórica das “repúblicas” Estudantis da UFOP iniciou-se em 2000. O vínculo existente do autor com a UFOP é o de pesquisador-associado do seu Laboratório de Pesquisa Histórica (LPH) que ainda se prossegue. Algumas conclusões do presente texto estão sendo apresentadas em outros eventos regionais e nacionais.

(2) Meus agradecimentos e gratidão à República Aquarius de Ouro Preto pelas constantes colaborações e apoios, e a todos que aceitam e apóiam o trabalho.

(3) Pesquisas que ocorrem simultaneamente sobre as “repúblicas” de Ouro Preto e Coimbra, respectivamente pelos pesquisadores Otávio Luiz Machado e Aníbal Frias, sendo o primeiro uma pesquisa acadêmica do Laboratório de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Ouro Preto, e a segunda uma tese de doutorado que se realiza na Universidade de Paris X—Nanterre, representam um esforço de compreensão destas moradias.

(4) O livro final do Projeto “Reconstrução Histórica das Repúblicas Estudantis da UFOP” intitula-se *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Trajetórias e Importância*, que ainda se encontra na fase de edição.

(5) Os textos dos pesquisadores produzidos pelo projeto são os seguintes: **(a)** “Reflexões sobre a condição estudantil”, de Michel Thiollent (UFRJ); **(b)** “A Universidade e as *Repúblicas* de estudantes de Coimbra”, de Aníbal Frias (doutorando da Universidade de Paris X—Nanterre); **(c)** “Início de pesquisa nas repúblicas de Ouro Preto: como funcionam as relações de poder”, de Maria Fernanda Salcedo Repolês (PUC-MG); **(d)** “Virtù et Appetitus – Aprendendo a Conviver Com o Prazer”, de Jaime Antônio Sardi (UFOP); **(e)** “A Conservação de Ouro Preto”, de Rodrigo Meniconi (PUC-MG);

(6) São estes os principais trabalhos que tiveram a nossa colaboração: **a)** Aníbal Frias (Doutorando em antropologia da Universidade de Paris X – Nanterre): “La praxe académica et le monde universitaire. Traditions étudiantes et cultures académiques au Portugal” (A Praxe acadêmica e o mundo universitário. Tradições estudantis e culturas acadêmicas em Portugal); **b)** Rosa Jacqueline Teodoro (mestranda em sociologia da UFMG): “Doze: as faces de uma festa”; **c)** Natália Von Kruger (estudante de ciências sociais da USP): “Consulado: uma embaixada estudantil de Ouro Preto”.

(7) São os seguintes projetos integrados sob a nossa coordenação que reforçam a temática do projeto inicial que ora apresentamos: **a)** “Os Estudantes, Universidade e a

contribuição ao patrimônio histórico e artístico de Ouro Preto"; **b)** "Theódulo Pereira: um importante jornalista"; **c)** "A luta estudantil nas Faculdades de Engenharia de Ouro Preto e Recife: da Escola à Sociedade (1959-1969)"; **d)** "A construção de Brasília e ideologia: Israel Pinheiro e a Escola de Minas de Ouro Preto".

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. *La Noblesse d'Etat*. Paris: De Minuit, 1989.

_____. *O Poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2001b.

_____. & PASSERON, J. C. *Los estudiantes y la cultura*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Labor, 1969.

CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. "Relação educativa e formação de engenheiros em Minas Gerais". In: *Comunicação apresentada ao GT "Trabalho e Sociedade"*, Caxambu, XXII Encontro Anual da ANPOCS, outubro de 1998. site: www.anpocs.org.br

FRIAS, Aníbal. "A Universidade e as repúblicas de estudantes de Coimbra". In: MACHADO, Otávio Luiz (org.) *Repúblicas de Ouro Preto: trajetórias e importância (no prelo)*.

MACHADO, Otávio Luiz. "comunicação: Projeto Reconstrução Histórica das Repúblicas Estudantis da UFOP". In: *Anais do IV SEMPE - Seminário de Metodologia para Projetos de Extensão*, São Carlos-SP, agosto de 2001.

_____. (org.) *Repúblicas de Ouro Preto: trajetórias e importância (no prelo)*.

MORUS, Thomas. *A utopia*. Brasília: Ed. UNB, 1980.

RACIOPPI, Vicente de Andrade. *Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto. Memória Histórica apresentada ao 3º Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia Comemorativo do Bi-Centenário de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

Depoimentos

MAGALHÃES, Celso. *Pronunciamento na República Aquarius*. Ouro Preto-MG. Sem data.

MAIA, César. *Depoimento ao autor*. Rio de Janeiro-RJ, 2003.

MENEZES, Ivo Porto de. *Depoimento ao autor*. Belo Horizonte-MG: 2003.

OLIVEIRA, Eli. *Depoimento em vídeo pelo próprio depoente*. São João Del Rei-MG, 2000.

PINTO, Kléber Farias. *Depoimento ao autor*. Ouro Preto-MG, 2000.

SILVA, João Bosco. *Depoimento ao autor*. Ouro Preto-MG, 2000.

